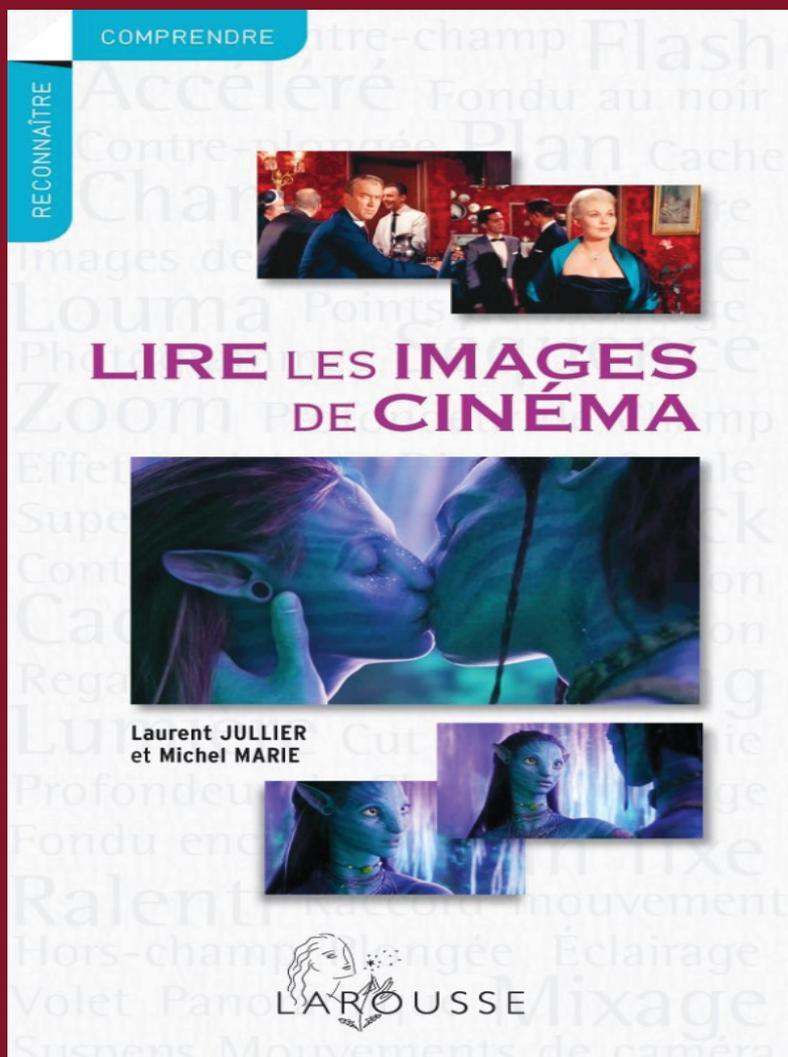


[PARA VER, LER E ANALISAR IMAGENS CINEMATográfICAS]

_ DANILO FANTINEL

SOBRE O AUTOR>

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou estágio doutoral na Université Jean Moulin Lyon 3, com bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no âmbito do Programa Capes-PrIn.



Resenha de:

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. *Lire les images de cinéma.*

2. ed. Paris: Larousse, 2012. 264 p.

Na pesquisa em cinema, a análise fílmica é um processo metodológico consagrado, tendo provocado pensadores como Jacques Aumont, Jean-Pierre Esquenazi, Anne Goliot-Lété e Francis Vanoye. Com ela, esclarecemos o funcionamento dos elementos de um filme e compreendemos sua significação. E se a análise da linguagem cinematográfica permite um olhar atento sobre a obra audiovisual, o livro *Lire les images de cinéma*, de Laurent Julier e Michel Marie, oferece ferramentas úteis para a leitura, a compreensão e o exame detalhado de títulos da sétima arte.

A publicação foi lançada em 2007, na França, e reeditada em 2012. No Brasil, a Editora Senac publicou uma versão em português, em 2009¹, similar à última edição francesa. O projeto gráfico une o texto a fotogramas, fotografias e frames de alta qualidade impressos em bom papel.

Professores de cinema na Universidade de Sorbone, os autores abordam três dimensões das obras do cinema, avaliando a natureza e as potências cinematográficas do plano, da sequência fílmica e do filme em sua totalidade. Posteriormente, analisam sequências de 26 produções cinematográficas para exercitar esse olhar teórico.

Em 264 páginas, Julier e Marie sugerem instrumentos para a leitura analítica dos componentes técnicos e estéticos que erguem narrativas de som e imagem em movimento. Complexas, as análises dos autores não costumam enquadrar criticamente os teores políticos ou sociais dos filmes selecionados, mas não eliminam os contextos históricos das narrativas ou da época de produção. Assim, eles desenham certa linha do tempo da história do cinema, ao se aterem a filmes de diferentes origens e momentos do cinema. O resultado é um amplo exame de audiovisualidades, recursos técnicos, soluções artísticas, processos narrativos e opções de montagem que se estendem do fotograma sem som mais primordial ao *frame* digital mais avançado, dos primeiros curtas aos *blockbusters* digitais. O objetivo dos autores é ler a progressão da escrita dos filmes no percurso histórico do cinema.

Na primeira parte do livro, são demonstradas as ferramentas teóricas para a análise fílmica ao nível do plano (porção de filme situada entre dois cortes, própria à observação técnica de seus conteúdos); da sequência fílmica (combinação de planos que integram um trecho do filme, despertando a atenção sobre justaposições, fusões, transições e outras práticas de montagem); e ao nível do filme como um todo (em sua combinação de sequências, o filme leva à análise de teores artísticos, técnicas narrativas, gêneros, estilos e contextos fílmicos).

Ao nível do plano cinematográfico, a codificação da tridimensionalidade do mundo na imagem bidimensional oferece um espectro de análise, a começar pela tipologia do plano. A variação entre close-up, plano detalhe, médio ou geral, entre outros, resulta em significações oriundas das formas e funções narrativas da imagem em movimento. O mesmo vale para posições e movimentações de câmera, fotografia de cena, enquadramento e profundidade de campo, que atuam sobre a estética, a narrativa e a impressão de realidade de um filme. Completam os pontos de análise ligados ao plano elementos como luz, paleta de cores, locações, cenários, figurinos, cabelo e maquiagem.

¹ JULIER, Laurent; MARIE, Michel. *Lendo as imagens do cinema*. São Paulo: Senac, 2009.

Na sequência fílmica, os planos intercalados compõem uma unidade narrativa e espaço-temporal. Portanto, os aspectos a observar giram em torno das práticas de montagem de imagem e som, como o tempo do plano, o corte, as superposições e as substituições que permitem a narração do filme. A análise do poder narrativo da montagem também se dá sobre as elipses (manipulações do espaço-tempo diegético), o *raccord* de movimento (ligação e continuidade entre planos), o *raccord* de direção (quando câmera e corte seguem a mesma direção dos personagens), o *raccord* do olhar (do ponto de vista do espectador, o plano B mostra o que vê um personagem apresentado no plano A) e o *reaction shot* (quando o acontecimento mostrado em B é uma consequência do que se viu em A). Nas sequências, o desenho de som composto por música, ruídos, falas e silêncios também se coloca como procedimento técnico, estético e narrativo propositor de significação.

Tendo em vista a integralidade do filme, Julier e Marie sublinham a importância de gêneros e estilos, que fornecem modelos estético-narrativos e parâmetros fílmicos facilmente reconhecíveis por espectadores que se identificam com os personagens e as ações de uma história. Ainda assim, lembram que gêneros variam conforme épocas e culturas. Porém, destacam que, apesar da descontinuidade de contos de fadas, filmes de truques ou *vaudevilles*, é sempre possível encontrar toques fantásticos, trucagens e situações *vaudevillescas* em ficções científicas, dramas, *westerns* ou policiais.

Com as ferramentas de análise em mãos, Julier e Marie dilapidam sequências de filmes do cinema silencioso, destacando o plano fixo, o fora de campo e a dureza da montagem. Entre os títulos do cinema clássico, a análise fílmica se debruça sobre recursos de captação, decupagem e montagem, como a regra dos 180° aplicada ao esquema campo *versus* contracampo. No cinema moderno, as análises sublinham as potências da autoria cinematográfica e da desconstrução de métodos.

O cinema da nova Hollywood desperta análises sobre hibridizações entre a transparência da narração clássica e as rupturas modernistas. Já o olhar sobre sequências do cinema pós-moderno evidencia as renovações temáticas e narrativas, as convergências técnico-estéticas, bem como examina as referências feitas a marcos do cinema.

Julier e Marie também se dedicam à tecnologia digital que transforma o plano em um “plano-quadro” retocável por computação. Pronto, ele gera significações na imagem, na sequência e no filme.

Mais de uma década depois de ser lançado na França e no Brasil, *Lire les images de cinéma* segue sendo um dos mais detalhados olhares contemporâneos sobre a análise de filmes.